

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA  
Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

**SENNETT E BAUMAN: DO INDIVÍDUO PRIVATIZADO À EXPOSIÇÃO NAS  
REDES SOCIAIS**

Letícia Bottura Calvoso (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Programa de Iniciação Científica-UEM); Carlos Eduardo Lopes (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: let\_psico@hotmail.com

Palavras-chave: Transformações sociais. Relações interpessoais. Individualismo.

O presente trabalho é de natureza conceitual e consiste em uma das faces que compõem uma pesquisa mais ampla, a qual tem por objetivo discutir, à luz do Behaviorismo Radical, transformações ocorridas nas relações público-privado a partir do advento da internet e da sociabilidade virtual.

Tendo em vista o fenômeno de exposição através redes sociais, foi realizado um levantamento bibliográfico de caráter histórico a fim de compreender a transição do indivíduo privatizado e ensimesmado dos finais do século XIX para o indivíduo líquido-moderno que expõe sua vida privada no mundo virtual.

Esse recorte histórico foi dividido em dois momentos: o primeiro corresponde à passagem do século XVIII para o XIX que culminou no declínio da vida pública e na crescente tendência à valorização da intimidade; e o segundo reflete a transição da modernidade sólida para a líquida, caracterizada pela flexibilidade e pelo repúdio à permanência e à durabilidade, que permeiam também a esfera da sociabilidade.

Sennett (1988) aponta que no século XVIII as esferas pública e privada se equilibravam, representadas por cultura e natureza, respectivamente. Enquanto o homem realizava sua natureza em âmbito privado, o público o corrigia e o tornava um ser social, civilizado. Nesse período os cafés, parques para pedestres e teatro eram os espaços públicos – sediavam a sociabilidade entre estranhos –, ao passo que o espaço privado era composto pela família e amigos próximos.

Entretanto, na passagem do século XVIII para o XIX, os efeitos do capitalismo industrial e os impactos da secularidade na credibilidade pública transformaram a vida pública. A expansão comercial, a produção em larga escala e o sistema de lojas de

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA  
Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

departamentos massificaram os códigos de aparência que identificavam as diferentes classes sociais e conferiam segurança às pessoas em público (SENNETT, 1988).

Surge, então, um sentimento de insegurança, já que distinguir com quem se estava lidando através da observação da aparência tornou-se impossível. Tal sentimento foi intensificado pela decorrente prática da observação dos comportamentos na tentativa de identificar pistas da origem e do caráter dos indivíduos nas ruas (SENNETT, 1988).

Além disso, nesse período o princípio da imanência tomou força e difundiu a crença de que a personalidade poderia ser revelada involuntariamente através de lapsos momentâneos, contribuindo para o declínio da vida pública. Em espaço público os homens tornaram-se silenciosos, tentando ao máximo medir suas ações, como forma de proteção decorrente do medo de revelarem involuntariamente o que não deveriam e da curiosidade pelo que o outro escondia (SENNETT, 1988).

Simultaneamente, o âmbito privado foi supervalorizado: a família tornou-se um refúgio, no qual, supostamente, era possível saber com quem se estava lidando, conferindo um sentimento de segurança e ordem não encontrado na vida pública (SENNETT, 1988).

No entanto, gradualmente entende-se que a família está sujeita às mesmas regras e conflitos da vida social pública, gerando desconfiança e refreamento nas relações familiares. A mesma forma de agir em público acaba sendo adotada na família. Resta ao sujeito voltar-se para si, para a sua intimidade em busca de refúgio (SENNETT, 1988).

Assim, já no início do século XIX os indivíduos estão cada vez mais ensimesmados, individualizados e isolados. Acreditava-se que o homem deveria buscar conhecer seu mundo interno e protegê-lo do mundo externo (SENNETT, 1988).

Entretanto, atualmente observa-se nas redes sociais, como *facebook* e *twitter*, um fenômeno contrário, de exposição: as pessoas tornam públicos aspectos privados das suas vidas através de relatos de sentimentos e pensamentos, fotos, vídeos, entre outros recursos (ROXO, 2011). Parece haver, então, um paradoxo entre o que se observava no início do século XIX e o que se observa atualmente nas redes sociais.

Bauman (2007) denomina modernidade sólida e modernidade líquida as duas extremidades opostas que conduzem a investigação até as novas formas de sociabilidade encontradas atualmente.

De acordo com Bauman (1998; 2001) na modernidade sólida o Estado legislou para manter a ordem às custas da liberdade individual, já que repudiava a instabilidade, a

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA  
Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

variabilidade e as idiosincrasias. Assim, na modernidade sólida ordem era a regra, bem como o planejamento na busca pela durabilidade e a permanência, sendo que a desordem, a incerteza, a imprevisibilidade e a mudança eram rejeitadas com veemência (BAUMAN, 1998).

Entretanto, a despeito dos esforços do Estado para manter a ordem sólida, ela possuía algumas ambivalências que provocaram o seu próprio declínio: ao mesmo tempo em que havia a possibilidade de mobilidade social e de escolha, pois a identidade não mais era entendida como algo predeterminado ou herdado, ela impunha aos indivíduos a construção de uma identidade sólida como um ideal a ser atingido (BAUMAN, 1998).

Assim, dois aspectos principais desencadearam a passagem para a modernidade líquida: (1) a decadência da crença de que há um estado de perfeição a ser atingido, em que haveria equilíbrio, perfeita ordem, domínio sobre o futuro, sem incertezas, ambivalências e imprevisibilidade; e (2) a responsabilização do indivíduo por seu sucesso ou fracasso, desenvolvimento e aperfeiçoamento, que passaram a ser atribuídos aos seus esforços, não mais como tarefas coletivas da humanidade (BAUMAN, 2001).

A vida líquida parece estar organizada em torno do consumo: rejeita as normas e regras e valoriza o desejo, as oportunidades, e o indivíduo deve estar sempre pronto para aproveitá-las e produzir novos desejos. O ideal de liberdade incita a crença de que não se pode perder oportunidades; e se comprometer com algo, nesse contexto, é fechar as portas para novas experiências (BAUMAN, 2001).

De acordo com Bauman (2001), a nova organização é flexível, fluida, incerta, substitui o longo prazo pelo curto prazo, a durabilidade pela transitoriedade, mudança e instantaneidade, impondo ao indivíduo uma eterna busca por se estabelecer em uma velocidade cada vez maior. Entretanto, as redes de segurança anteriormente existentes, como família e trabalho, também continuamente se reprojeta.

Assim, na sociedade líquido-moderna a única garantia que o indivíduo possui é a de que ele é individualmente responsável por sua vida e assim deve ser. Essa forma de organização da vida enraíza a noção de que as normas sociais existem para garantir o direito privado (BAUMAN, 2001).

Bauman (2001) aponta que nesse contexto o sentido de comunidade passou a ser estabelecido por meio da troca de intimidades, instituindo uma comunidade muito frágil e transitória, que muda de objetivos constantemente. O espaço público tornou-se um lugar em

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA  
Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

que as pessoas lançam suas questões privadas, confessam seus segredos e intimidades, sem que elas deixem de ser privadas ou assumam qualidades coletivas nesse processo.

Dessa forma, os indivíduos frequentam os espaços públicos diariamente e neles reforçam suas individualidades. Tranquilizam-se ao saberem que todos os outros indivíduos também conduzem suas vidas de modo solitário e, assim, também se tornam responsáveis por seus sucessos e fracassos. O espaço público abandonou sua função de lugar de encontros e debates sobre questões públicas, já que se encontra esvaziado delas e preenchido por assuntos privados (BAUMAN, 2001).

É possível dizer, então, que na modernidade líquida a sociabilidade parece estar regida pelo consumo: as pessoas tornam-se potenciais objetos para consumo e, na medida em que são consumidas perdem a atratividade, sendo facilmente descartadas (BAUMAN, 2007). Em outras palavras, é possível falar no “consumo de pessoas”, que passaram a ser vistas como produtos no “mercado humano”, disponíveis para o consumo e com tempo de validade conforme a conveniência do consumidor.

Para Bauman (2007), as pessoas vivem no fluxo da incerteza, da velocidade e da obsolescência que caracterizam a liquidez da modernidade, oscilando entre a ameaça do descarte e o eminente prazer do consumo. O sentido de comunidade, de coletividade, é muito frágil e passageiro, já que lealdade, comprometimento e durabilidade são rejeitados e até mesmo prejudicariam a adaptação do indivíduo à liquidez da modernidade.

Assim, a análise dessa sequência de transformações pelas quais a sociedade passou desde o final do século XVIII até os dias atuais sustenta a hipótese de que esses dois fenômenos, opostos à primeira vista – a privatização e o ensimesmamento do sujeito no século XIX e a exposição da vida privada nas redes sociais na modernidade líquida –, na verdade não constituem uma oposição, mas sim, um movimento de contínua exacerbação do individualismo.

### Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

ROXO, L. A. Os sintomas da pós-modernidade na sociabilidade virtual. In: POSCOM – SEMINÁRIO DE ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA PUC-RIO,

## II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

28 a 30 de Novembro de 2012

8, 2011, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos do GT Comunicação, Compartilhamento e Cibercultura do Seminário de Alunos de Pós-graduação em Comunicação da PUC-Rio.** Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2011. <Disponível em: <http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Os-sintomas-da-p%C3%B3s-modernidade-Luciana-Roxo-2.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

SENNETT, R. **O Declínio do Homem Público:** as tiranias da intimidade. Tradução de Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.